

FHC diz que 1.º ano de Lula 'não é de ruptura, mas de continuidade'

O ESTADO DE S. PAULO

Ex-presidente afirma que sucessor não apresentou 'bases novas' até agora, mas que é preciso esperar para 'poder avaliar melhor'

JAMIL CHADE
Correspondente

GENEBRA – Num balanço inicial do primeiro ano de governo de seu sucessor, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso avalia que ainda não há propostas que dêem “bases novas” ao Estado. “Não foi uma ruptura. E fico contente, pois mostra que era o caminho”, disse, referindo-se à sua gestão. Fernando Henrique hoje é conselheiro da Organização das Nações Unidas (ONU) para a reforma das suas relações com atores não-governamentais. Em Genebra para uma série de reuniões da ONU, ele deu ao Estado uma entrevista de quase uma hora e meia. Eis os principais trechos:

Estado – Há mais similaridades ou diferenças entre o governo Lula e o seu?

Fernando Henrique Cardoso – Precisamos esperar mais algum tempo para fazer uma melhor avaliação. Mas em certos momentos são estabelecidas bases novas. Getúlio Vargas estabeleceu uma base nova para o Estado. A Constituição de 88 foi um marco importante. A estabilização da moeda é outro. São processos cujos efeitos perduram. Pode ser que (o governo) venha a fazer, mas por enquanto não foi feito algo desse tipo. Não houve uma ruptura. E fico contente com isso, pois mostra que

era o caminho. Dizer que era o caminho não quer dizer que era tudo bom. É que as vezes não se consegue fazer diferente. Não existem ainda os elementos para fazer diferente. Sempre fui contra o voluntarismo. Isso é para quem não conhece história. Não é que um governo não deva ter objetivos e planos. Tem de ter, senão não muda nada. Mas Karl Marx já dizia que o homem faz a história em condições dadas.

Estado – Se não houve ruptura, como podemos avaliar os programas, como o de alfabetização...

Fernando Henrique – Isso já tinha. A alfabetização já tinha. E na fome, a FAO (agência da ONU) fez boa avaliação. Isso já estava em marcha. Não quer dizer que o governo não pode inovar e melhorar. Deve. Mas o fato é que quando você está na oposição, você vê tudo errado. E quando chega ao governo, vê que não tem como fazer as coisas muito diferentes pois há condições concretas que limitam. Pode ser que o governo venha a propor coisas muito mais inovadoras. Mas por enquanto não.

Estado – Nem as reformas seriam uma ruptura?

Fernando Henrique – Elas foram propostas por nós. Não é ruptura, é continuidade. É com-

“ Todo governo gosta de prometer crescimento e aumento de emprego. Mas esses fatores não dependem dos governos locais ”

plementar e com nosso apoio. Podíamos sim ter feito as reformas há mais tempo. Você pode dizer que meu governo tinha maioria. Tinha, mas a maioria é relativa e quando há oposição cerrada a uma questão, você não pode pautar. Não é questão de número de deputados. É a opinião pública, que arrasta deputados. Quando se dizia que aumentar a idade da Previdência era ser contra os velhinhos, caíam as chances. Agora não. Ninguém usou esse argumento.

Estado – Qual é sua avaliação para o próximo ano?

Fernando Henrique – Todo governo gosta de prometer que vai ter crescimento econômico maior e aumento na taxa de em-

prego. É natural. Mas esses fatores no mundo globalizado não dependem dos governos locais. Dependem do ciclo econômico mundial. Agora, pode ser que estejamos entrando em uma fase boa. Eu peguei só crise. A do México, de 94 e 95, a da Ásia, de 97, a da Rússia em 98, a nossa de 99, a da Argentina o tempo todo e nos Estados Unidos em 2001. Tomara que estejamos entrando em momento de maior calma. Mas não é só isso. A situação dependerá de reformas, nível de educação, investimentos em ciên-

cia e tecnologia. O governo tem responsabilidade. O que não pode é prometer que vai fazer e que vai crescer não sei quanto, porque não depende dele.

ELE LAMENTA
NÃO TER
CONSEGUIDO
AS REFORMAS

Estado – O que o sr. gostaria de ter feito que não fez?

Fernando Henrique – Muita coisa. Eu queria muito as reformas e não consegui todas. Quando a casa está construída, tem muito engenheiro que diz que está errado e poderia fazer melhor. Tudo bem, eu também sou engenheiro de obra feita. Tem mui-

to coisa que ex-post você pode pensar que poderia ter feito.

Estado – Como a guerra no Iraque afetará a ONU e o sistema internacional?

Fernando Henrique – A crise do Iraque pôs em relevo a necessidade de uma estrutura diferente. Houve o impasse e então uma ação unilateral. A ONU precisa se repensar. Com o terrorismo, foi dada a margem para que os EUA dissessem que iriam cuidar de sua segurança. Não só está ocorrendo uma ação unilateral, mas existe a sensação de que a superpotência é hiperpotência. Isso desequilibrava bastante o mundo. Mas o Iraque mostrou que hiperpotência ganha qualquer guerra. Mas não ganha a paz. O problema está posto. Outro fator é a China, que nos EUA já é considerada como concorrente dos americanos. Quem sabe esses fatores contribuam para uma volta para um mundo mais com-

partilhado. Não é fácil imaginar um mundo globalizado sob controle unipolar.

Estado – Esse cenário representa uma

oportunidade para o Brasil?

Fernando Henrique – Não tenho dúvida, mas se soubermos manejar. Em política, tudo é questão de tempo. Podemos aproveitar desde que não se coma o prato cru. Tem de cozinhar antes. Não pode cantar vitória e começar a pensar que as condições estão dadas.

Estado – No cenário internacional, quais são os riscos que o Brasil precisa evitar?

Fernando Henrique – O risco maior é o do isolamento. Dependendo do jogo do comércio mundial, esse risco existe. Nós precisamos fazer as negociações comerciais adequadas. O governo tem consciência do que estou dizendo.



Fernando Henrique: “Sempre fui contra o voluntarismo. Isso é para quem não conhece história”

José Luís da Conceição/AE